

Cândido

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ Nº 169 ABRIL DE 2026 CANDIDO.BPP.PR.GOV.BR



QUILOMBO LITERÁRIO

Inspirado no conceito de "escrevivências",
livro reúne memórias de mulheres negras

Índice

3 ESPECIAL CAPA

Quilombo literário: As memórias de personalidades negras do Paraná e do Brasil em "Mulheres com N maiúsculo"

Isa Honório

16 RETRANCA

Prateleira

Redação *Cândido*

20 ENTREVISTA

A tradutora punk

Emanuela Siqueira

por Felipe Azambuja

34 CRÔNICAS VERTIGENS

Um ponto de beleza no meio da agonia

Fausto Fawcett

36 ENSAIO

Moda do afeto na glosa do clubinho

Diogo Santiago

55 CONTO

Incêndio

Melissa Sayuri

59 POESIA

para salvar o costureiro cuitelão

Maria Cardoso

62 FOTOGRAFIA

Olhares e vozes do cárcere

Izabel Liviski



Quilombo literário:

As memórias de personalidades
negras do Paraná e do Brasil em

"Mulheres com

N

Maiúsculo"

Isa Honório

Inspirado no conceito de "escrevivências", livro apresenta 31 mulheres negras de destaque na política, cultura e sociedade

"Escrevivências é escrever a partir da vida. É quando a palavra nasce da experiência, da memória e do sentir. Não é só narrativa, é vivência transformada em linguagem", conta Letícia Costa, jornalista e uma das autoras de *Mulheres com N Maiúsculo: perfis jornalísticos e escrevivências negras*. O livro foi lançado em novembro do ano passado no Tribunal Regional Eleitoral do Paraná (TRE-PR), marcando as celebrações no Mês da Consciência Negra. Publicado pela editora curitibana Arte & Letra, reúne dez comunicadoras negras para contar as trajetórias de 31 mulheres de diferentes origens e áreas de atuação, que têm em comum suas experiências racializadas.

A obra foi organizada pelas jornalistas Claudia Karoni e Aline Reis, e tem como inspiração o conceito de "escrevivências", criado pela escritora e linguista Conceição Evaristo, um dos nomes mais consagrados da literatura brasileira contemporânea. Autora de livros como *Olhos d'Água* (2014), com contos sobre mulheres afro-brasileiras, destaca o papel da memória e a relação entre o individual e o coletivo na construção de narrativas sobre pessoas negras, e em especial, mulheres.



➤ Conceição Evaristo

O projeto foi concebido em 2023, primeiramente como uma obra individual, mas logo a coletividade tomou o primeiro plano. A decisão editorial foi a de deixar o estilo de cada autora florescer – o objetivo não era padronizar, mas destacar a pluralidade. Aline Reis, também autora de *Paraná Preto* (2015) e presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná (SindijorPR), relembra as sessões de leitura coletiva, quando as escritoras puderam opinar sobre os textos e trocar experiências: "É um grande processo trabalhar com várias autoras, com prazos, decidir quais palavras vão entrar, qual vai ser a capa. Mas a ideia de ser uma obra coletiva foi mantida do começo ao fim. A proposta era justamente fazer esse quilombo literário".

► Professora Diva Guimarães

Fotografia: Luis Martinez / Agência O Globo



Os perfis trazem nomes ligados à literatura, educação, movimentos sociais, ecologia, samba, hip-hop, política, jornalismo, esporte e religiosidade. Entre eles: Carol Dartora, primeira deputada federal negra eleita pelo Paraná; Dulcinéia Novaes, jornalista e apresentadora; Janine Mathias, cantora e compositora; e Juliana Barbosa, professora do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). O livro também publica as histórias da jurista Dora Bertúlio, pioneira nas políticas de cotas no Brasil, e da professora Diva Guimarães, que faleceram antes da publicação.

Fotografia: Marcos Soliman / Sucom UFPR



► Dora Lúcia
de Lima Bertúlio

"Pensamos em alguns nomes de pessoas que já são quase 'orixás' do movimento negro, e fomos procurando outras Também. A ideia não era fazer perfis de pessoas famosas, embora tenhamos algumas perfiladas que já têm a sua relevância midiática ou dentro dos movimentos. São mulheres de vários lugares, histórias e ocupações, falando sobre suas vivências, não só profissionais, mas do cotidiano também", comenta Aline. Após alguns meses do lançamento e com uma recepção positiva dos leitores, o livro recebe uma re-impressão, que estará disponível em breve.

Escrever como um ato coletivo

Claudia já escrevia perfis de personalidades negras para o *Brasil de Fato* quando decidiu produzir o livro. O formato mistura jornalismo e literatura para contar histórias reais com profundidade e sensibilidade, o que tornou o gênero a escolha perfeita para o projeto. Ana Carolina Pacífico, que escreveu sobre Vanda de Assis, assistente social e vereadora de Curitiba, explica: "Essas perfiladas carregam consigo pautas muito importantes, e é por isso que o livro tem esse teor jornalístico, que vai além de contar a história das mulheres, mas também de trazer essas pautas que são de interesse público".

A preocupação com a diversidade também se reflete na escolha das escritoras que compõem o time. Em sua maioria jornalistas e algumas em fase de desenvolvimento de suas carreiras, muitas vezes encontraram no perfil um novo desafio. Aline confessa que, apesar de ser uma repórter experiente, não possuía muita intimidade com o jornalismo literário quando participou do projeto: "O texto de perfil é um texto muito mais delicado, no sentido de ser mais literário, mais doce, mesmo quando é agressivo, é agridoce".

Nesse processo de aquilombamento, estar sempre em contato, por meio do apoio mútuo e escuta, reforçou ainda mais a identidade da obra. O livro buscou gerar autoconfiança nas autoras para que elas não só fossem publicadas, mas também se desenvolvessem como escritoras: "Quando a Claudia me chamou, fiquei

muito feliz e também um tanto insegura. Aos poucos a gente foi trocando ideias sobre os textos e desenvolvendo o processo. Ela já era escritora e poder contar com o olhar dela e colaboração nos textos foi fundamental", lembra Letícia Costa.

Outra preocupação foi encontrar um espaço receptivo em meio a um mercado editorial que fecha as portas para escritores de origens sub-representadas. No Brasil, mulheres pretas e pardas da classe C formam o maior grupo consumidor de livros, representando 15% em 2025, como mostra a pesquisa Panorama do Consumo de Livros, encomendada pela Câmara Brasileira do Livro (CBL). Apesar disso, mulheres negras ainda encontram resistência dentro do mercado literário, e frequentemente denunciam o apagamento de sua escrita.

A Arte & Letra, editora independente e de produção artesanal, pareceu ideal para receber o projeto. O editor Thiago Tizzot conta que gostou da ideia logo de cara: "É um projeto importantíssimo. Elas fizeram toda essa escrevivência, o que faz o projeto ser muito forte e verdadeiro. Como editora, não tem como a gente parar para pensar, a gente tem que aproveitar essa oportunidade".

➤ Montagem do livro *Mulheres com N maiúsculo* na editora Arte & Letra





Thiago ressalta ainda que é papel da editora buscar ideias que fujam do comum e promover a diversidade de vozes: "Uma das coisas que me atraiu nesse projeto é que eu jamais conseguiria imaginar ele sozinho. Que bom que alguém chegou e me apresentou, e a gente pôde dar um passo para fora. Essa é uma preocupação que eu sempre tenho, sempre tentando olhar para além do que está perto, conseguir achar coisas interessantes e aumentar a área que a editora trabalha. Isso faz com que a gente esteja sempre buscando coisas novas e diferentes".

O objetivo era o de ocupar as prateleiras, trazer a discussão sobre gênero e raça para o centro. A escolha do título *Mulheres com N* é ao mesmo tempo ambígua e assertiva, como explica o editor: "A Claudia me trouxe as opções de títulos e eu disse 'é esse'. Uma das dúvidas era se o pessoal iria achar que a gente errou, mas é exatamente esse ruído que a gente quer. A ideia é causar esse desconforto e chamar a atenção das pessoas".

Aline explica que o estranhamento ao primeiro olhar também dialoga com a literatura de Conceição Evaristo, conhecida pelos erros propositais de gramática como escolha política e estilística. "A ideia do 'N' maiúsculo é para evidenciar a negritude. A grande questão de ser racializada é que isso chega antes de qualquer coisa. Antes de ser uma mulher, eu sou uma pessoa negra, essa é a primeira leitura que fazem. O objetivo do título é enfatizar a negritude das personagens e autoras", diz.



> Carolina Maria de Jesus

Nós por nós

Nas escrituras, escrever sobre si é escrever sobre todas que compartilham as mesmas experiências, encontrando na identificação uma ferramenta de emancipação dos estereótipos e do apagamento. Em *Mulheres com N*, essa identificação começou ainda na fase de entrevistas. Ao investigar suas trajetórias, mulheres de diferentes idades, territórios e profissões descobriram que tinham muito em comum. Por mais técnico que possa ser um processo de escrita, nas escrituras, ele pode ser extremamente emocional.

Amanda Crispim é escritora e pesquisadora, e foi a primeira professora negra do curso de Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Agora com suas memórias contadas no livro, ela lembra do sentimento quando teve seu primeiro contato com a literatura de Carolina Maria de Jesus – escritora negra e um dos principais temas de sua pesquisa acadêmica. "Quando eu li *Quarto de despejo* tive um choque. Foi uma literatura que me tocou profundamente. Rolou um processo de identificação muito grande, ao ver como aquela mulher preta e periférica assim como eu tinha escrito um livro", conta.

Escrever a partir da identificação também foi uma experiência transformadora para Letícia Costa, que escolheu perfilar a colega de profissão Dulcinéia Novaes. Em atividade desde 1979, Dulcinéia se tornou um dos nomes mais reconhecidos do jornalismo paranaense e símbolo de representatividade. Letícia, que cresceu assistindo a apresentadora na televisão, hoje também trabalha na RPC, afiliada da Globo em Curitiba. "A Dulcinéia sempre foi a minha grande inspiração no jornalismo televisivo e todas as vezes que eu a encontrava, ela me dava boas palavras de incentivo. Escolhi contar a história dela porque eu era e sou uma grande fã e também queria saber mais sobre a sua trajetória", diz.

No texto final, Letícia escolheu focar na presença de mulheres negras na mídia, e discutir questões como racismo e a importância da união entre mulheres jornalistas. Essa sensibilidade para escolher recortes também foi necessária para enfrentar os desafios que surgiram no caminho – entre eles, deixar as perfiladas confortáveis para contar suas histórias. Para muitas entrevistadas, a percepção era que a mídia tende a representar mulheres negras de forma preconceituosa, o que causou certa desconfiança.

"A primeira coisa foi fazer com que elas baixassem a espada. As mulheres negras chegam com uma armadura para a imprensa, porque os recortes que são colocados para a divulgação das suas histórias muitas vezes são feitos de uma forma que não é para exaltar e reconhecer, mas para noticiar da pior forma possível", relata Sandy Silva, autora dos perfis de Adriana Oliveira, dirigente do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), e Ana Maria da Cruz, liderança quilombola da Comunidade Paiol de Telha.

A jornalista explica que se trata de uma barreira psicossocial, que parte tanto de experiências racistas e machistas do passado quanto do sentimento de não merecimento de ter sua história contada. "A gente vai entendendo que a mulher negra não tem tempo para revisitar a própria história, de ouvir, chorar, se escutar e de se compreender. Então, quando a gente parou para conversar com essas mulheres, eu percebi que era a primeira vez que elas sentaram para se ouvir", conta Sandy.



➤ Lançamento do livro no seminário Vozes Negras, no TRE-PR

O poder da palavra

Mulheres com N Maiúsculo chega para reescrever, agora em primeira pessoa, o retrato de mulheres afro-brasileiras na literatura. O livro é publicado em meio a um movimento crescente de ocupação de espaços antes considerados inacessíveis, e foi lançado no mesmo mês que a primeira mulher negra tomou posse na Academia Brasileira de Letras (ABL). Ana Maria Gonçalves, autora de *Um defeito de cor* (2006), agora ocupa a cadeira 33 com uma obra que também reflete o conceito de "escrevivências".

O livro de Ana Maria foi tema do samba-enredo da Portela em 2024 e dois dias após o desfile ficou em 1º lugar de vendas na *Amazon*. Amanda Crispim comenta que narrativas escritas e protagonizadas por mulheres negras refletem trajetórias marcadas por luta e resistência e têm ganhado cada vez mais interesse do público. "A escrita negra sempre esteve aí. O que o cânone considera como literatura brasileira pouco reflete o Brasil. Isso gera alheamento e pouco se conecta com os leitores brasileiros", comenta a professora, na abertura de seu perfil em *Mulheres com N Maiúsculo*.

Lançado em Curitiba e com foco em personalidades paranaenses, o livro ganha um significado ainda mais profundo. A capital é a mais negra do Sul do país, com 24% dos habitantes autodeclarados pretos ou pardos, de acordo com o último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Apesar dos números, a cidade sofre um processo de apagamento histórico de suas origens afro-brasileiras.

Aline Reis explica que, diante deste cenário, a obra tem um papel reparador: "Acho que o primeiro passo é ocupar esse espaço em Curitiba, uma cidade que as pessoas acham que é 'europeia', mas não é. Colocar mulheres negras em um livro, lançado no Tribunal Regional Eleitoral e sendo vendido em uma livraria como a Arte & Letra, faz toda a diferença para trazer essa discussão".

Para as autoras, a publicação é um instrumento de preservação da memória e reconhecimento, um olhar para o passado para direcionar os próximos passos da luta por emancipação e autonomia. "Acho que ultimamente estamos avançando no combate ao fenômeno do apagamento das mulheres na literatura, mas mais porque a gente tem chegado com o pé na porta, e esse projeto é um exemplo disso. A gente não pediu licença, a gente só chegou e fez. Mostramos pro mundo e ganhamos um grande destaque no cenário literário", conclui Evelin Moreira, escritora do perfil da médica e professora universitária Daiane Pazin.



Assim como fizeram Conceição, Carolina e Ana Maria, as *Mulheres com N Maiúsculo* chegam às prateleiras para inspirar e provocar através da palavra, abrindo caminhos para o surgimento de outras escritoras e narrativas. Como diz Claudia Kanoni no manifesto que abre o livro: "A quem lê, oferecemos não apenas relatos, mas horizontes". <





Isa Honório (São José dos Campos/SP, 2002) é formada em Jornalismo pela UFPR. Repórter do jornal **Cândido**, também é escritora e compositora. No tempo livre, atua com produção cultural na cena de música independente em Curitiba. Se interessa por arte produzida por mulheres, política e meio ambiente.

Prateleira

O **Cândido** reúne uma seleção de livros escritos por mulheres negras brasileiras, de diferentes épocas e gêneros, inspirados e relacionados com o conceito de "escrevivências", criado por Conceição Evaristo, ou que discutem questões raciais

Redação *Cândido*

As indicações são das autoras do livro *Mulheres com N Maiúsculo: perfis jornalísticos e escrevivências negras* (2025), entrevistadas para a reportagem principal desta edição. Mais que uma lista, é um convite ao leitor(a) para mergulhar na literatura afro-brasileira escrita por mulheres.



Olhos d'Água **Conceição Evaristo** Pallas, 2014

A romancista, contista e poeta Conceição Evaristo (1946) escreveu o livro de contos em 2014, terceiro colocado do prêmio Jabuti, nesta categoria, no ano seguinte. A obra reúne 15 histórias de pessoas que passam por situações causadas pela desigualdade social, de raça e de gênero. Cunhou o termo "escrevivências", que significa "escrever para existir, lembrar e resistir", segundo ela. Retrata realidades pouco representadas na tradição literária brasileira, com 12 livros publicados até o momento.

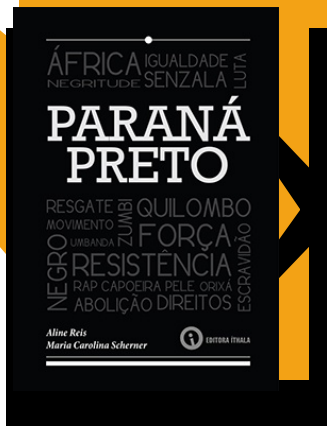
Diário de Bitita
Carolina Maria de Jesus
SESI-SP, 2014

Obra autobiográfica publicada postumamente, em 1982, na França, e em 1986, no Brasil. O livro narra desde a infância de Carolina (1914-1977), em Sacramento, interior de Minas Gerais, até sua ida para a cidade de São Paulo, na juventude. "Bitita", como era chamada quando criança, teve o início de sua vida marcado pelo racismo, pobreza e exclusão social no Brasil rural pós-abolição. Neste retrato íntimo, a autora revela sua trajetória antes de *Quarto de despejo* (1960), livro pelo qual ficou mundialmente conhecida.



Paraná Preto
Aline Reis e Maria Carolina Scherner
Íthala, 2015

Livro de estreia das jornalistas curitibanas, aborda a história do Movimento Negro no estado através das trajetórias de organizações afro-brasileiras de diversas regiões paranaenses. Também com as histórias de gente comum, que vive em um dos estados em que a cultura negra é mais negada em todo o Brasil. Por meio destas narrativas, a obra aborda saúde, política, religião, educação e diversas outras facetas do Movimento Negro.



Doces memórias

Alice da Silva

Humaitá, 2022

Com o nome completo *Doces Memórias de uma mulher negra na grande Curitiba*, o livro conta a vida de Alice da Silva, mestra grão e doceira que aprendeu a ler e escrever já adulta, e lançou seu primeiro livro, em 2022, aos 86 anos de idade. A obra reúne causos, anedotas, aprendizados e transformações do Jardim Osasco, bairro de Colombo, na região metropolitana de Curitiba, onde Alice reside desde 1977. Além de memórias, a escritora traz uma seleção de receitas de doces caseiros feitos no fogão à lenha.



O pacto da branquitude

Cida Bento

Companhia das Letras, 2022

No livro, a psicóloga social e escritora discorre sobre a "branquitude" – que funciona como um acordo não-verbal, um mecanismo de manutenção do racismo. Neste sistema, pessoas brancas excluem pessoas negras de diferentes espaços na sociedade, limitando acesso à educação, mercado de trabalho e instituições políticas.





Pretas com Poesia

Org. Jô Macário

Donizela, 2024

A obra reúne poemas de diversas escritoras paranaenses, ressaltando a importância de ampliar e visibilizar a produção de escritoras negras na literatura. A antologia reúne 16 autoras: Adriana Alexandre, Ayo, Céu Intense, Claudia Maria, Dandara Souza Maria, Dany Teixeira, Eva Coller, Evelin Moreira, Jô Macário, Julia Thomaz, Juvi Honório, Melanina, Shirley Pinheiro, Sueli Crespa, Vania Rodrigues e Vênus. Em 2025, foi lançado o segundo volume, com outra seleção de escritoras, somando no total cerca de 40 nomes de integrantes do coletivo Pretas com Poesia.



A tradutora punk

Emanuela Siqueira

por Felipe Azambuja



> Emanuela Siqueira

Pesquisadora e tradutora de livros sobre crítica e teoria feminista, Emanuela Siqueira conta sobre a experiência com o recém-lançado *A Vingança das Punks: Uma História Feminista da Música, de Poly Styrene ao Pussy Riot*, de Vivien Goldman

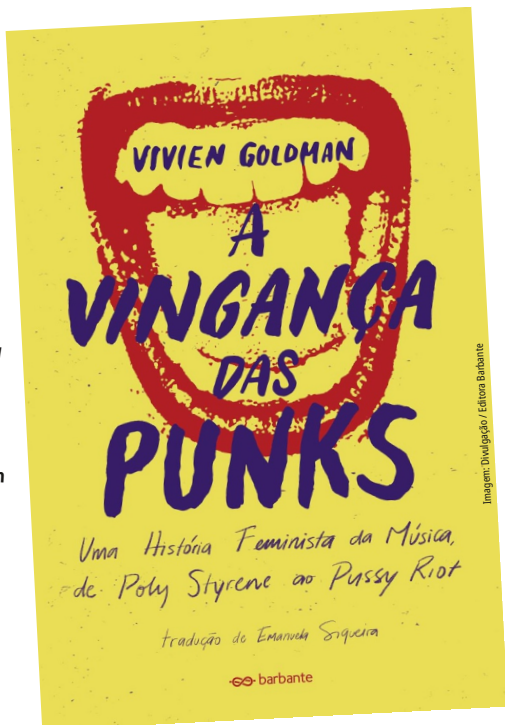
Emanuela Siqueira nasceu e cresceu em Chapecó (SC) e mora em Curitiba desde 2010. É mestre e doutora em Estudos Literários e tradutora há dez anos. Traduziu, entre outras, as obras de Charles Bukowski e *A leitora incomum*, ensaios de Virginia Woolf.

Crescendo em uma cidade onde “tudo demorava para chegar”, começou a traduzir muito antes de pensar na faculdade de Letras, com textos de revistas, blogs estrangeiros e, principalmente, letras de músicas. Somando sua proximidade com o meio musical às suas pesquisas sobre estudos feministas na literatura, lançou em 2025 sua primeira tradução de um livro sobre música: *A Vingança das Punks: Uma História Feminista da Música, de Poly Styrene ao Pussy Riot*, da professora e jornalista britânica Vivien Goldman, lançado no Brasil pela editora Barbante.

Publicado originalmente em 2019, o livro trabalha as temáticas de identidade, dinheiro, amor e protesto para pensar o que fez do punk uma forma de arte tão libertadora para as mulheres. Goldman, uma das pioneiras no jornalismo musical do Reino Unido, combina na obra entrevistas, história e sua própria experiência de mais de 50 anos acompanhando diversas cenas musicais.

O **Cândido** entrevista nesta edição Emanuela Siqueira sobre *A Vingança das Punks* e suas próprias origens no punk. Confira:

➤ *A Vingança das Punks: Uma História Feminista da Música, de Poly Styrene ao Pussy Riot* (Barbante, 2025), de Vivien Goldman
Tradução de Emanuela Siqueira



Como foi o processo para traduzir *A Vingança das Punks*?

Esse livro saiu em 2019 nos Estados Unidos. Na época, eu trabalhava na Joaquim, uma livraria e loja de discos aqui de Curitiba. Eu trabalhei muito tempo com discos e com colecionadores, e conheci o Alessandro Andreola, que é o editor da Barbante, por conta disso. O Alessandro gosta muito de música, dá pra ver até pelo catálogo da Barbante, que tem bastante livro de música. A gente sempre se encontrava em feiras de discos, e conversávamos sobre a ausência de traduções de certos livros de música. E como eu estava pesquisando já há mais de dez anos os estudos feministas da tradução, fazendo mestrado e doutorado na Universidade Federal do Paraná (UFPR), a gente conversava sobre como estavam saindo muitos livros legais sobre mulheres musicistas que, nos anos 70, 80 e 90, estavam

escrevendo. E aí saiu esse livro, e o título tinha chamado a atenção: *Revenge of the She-Punks*, em inglês. E aí eu até brinquei com ele – por ser uma editora menor, independente –, falei "ah, mas nunca que a gente ia ter dinheiro pra comprar os direitos desse livro e traduzir, né?"

Foi engraçado, porque passaram praticamente seis anos. E aí o Alessandro chegou pra mim em julho do ano passado, botou a capa do livro na mesa e falou "e aí, bora?". Aí eu falei, "não creio". Eles compraram os direitos. A gente tinha poucos meses pra fazer, porque é isso, se o mercado editorial, o mercadão, já é assim, imagine o mercado das editoras independentes. Então eu comecei a traduzir.



Foi muito divertido, porque a Vivien tem uma linguagem de jornalista. Hoje ela é professora na Universidade de Nova York, mas ela foi jornalista nos anos 70, em uma época em que tinham poucas mulheres jornalistas; mulheres jornalistas de música, então, basicamente não havia. Ela foi para a universidade estudar Jornalismo e também ser orientada por feministas, então ela é de uma geração muito complexa. Fez uma universidade para filhos de trabalhadores e é das primeiras da família a acessar a universidade.



➤ Da esquerda para a direita: Chrissie Hynde (The Pretenders), Debbie Harry (Blondie), Viv Albertine (The Slits), Siouxsie Sioux (Siouxsie and the Banshees), Poly Styrene (X-Ray Spex) e Pauline Black (The Selecter)

E ela tem uma linguagem muito do rolê, usa muita gíria, ela brinca, faz muita piada, e boa parte das piadas dela são britânicas, mesmo ela morando nos Estados Unidos. Então em uma linguagem muito de zine ainda, daquelas primeiras revistas independentes ali dos anos 70 e 80, só que ao mesmo tempo ela faz aquelas descrições super viajadas dos discos. Daí eu tive que juntar várias das coisas numa linguagem coloquial, da música, com essas descrições super adjetivadas, de bateria dissonante, com guitarra não sei o que...

Eu ia traduzindo os capítulos e mandando pro Alessandro, que já fazia a preparação – o que não é um processo comum no mercado editorial. A gente normalmente traduz tudo e envia. E foi divertidíssimo porque, apesar de ser o meu primeiro livro de música, eu passei 20 anos lendo sobre música. Então é uma atividade bem louca, sabe? Porque você tem que fazer aquele negócio funcionar.

Eu não falei em nenhum momento com a Vivien, apesar de eu ter ela nas minhas redes sociais, ela não responde muito as pessoas, então eu não conversei com ela, diferente de outro livro que eu fiz pra Todavia, [*Garota sobre garota*, Sophie Gilbert], que ela também escreveu sobre movimentos feministas e cultura pop. Eu mandava mensagem pra ela no Instagram e ela me respondia, e a mulher era finalista do Pulitzer, é muito engraçado.



ela é a primeira a escrever –
na Inglaterra, pelo menos –
um texto falando assim,

"esse texto é sobre uma
mulher guitarrista, que eu vi
num show". Ela é assim, diz

"nossa, eu cheguei
na frente do palco
e tinha uma
pessoa cabeluda,
tocando,
de repente
eu olhei

e vi que não era um cara"



Foto: Isa Honório | Edição GenialFoto

Você não chegou a trabalhar com a Vivien, então?

Não, não trabalhei. Uma coisa boa é que das bandas que ela cita no livro, eu conhecia praticamente todas, então se eu precisasse de alguma coisa, acho que eu ia entrar em contato com as artistas, porque são muitas bandas independentes. Claro, não o Bikini Kill, ou, sei lá, outras que são maiores, mas ela cita muitas bandas independentes. Não tinha muito motivo pra entrar em contato com ela.

Só tiveram algumas questões de inconsistência de dados, porque ela meio que faz as coisas no *freestyle*, sabe? E as edições lá nos Estados Unidos, e em outros países também, não são tão detalhistas. Eu preparo muito livro aqui, e a gente fica assim "não, esse dado aqui tá inconsistente...". É meio que o trabalho do jornalista, de checagem de dados. Só que aí teve uma hora que eu falei: "gente, isso aqui é ela, esse texto é dela, não sou eu que vou arrumar o texto dela." Não eram erros ortográficos nem nada do tipo, era uma inconsistência de dados. Ou ela pegava, tipo, ela pega uma letra da Pussy Riot, que é em russo, e ela pega uma tradução para o inglês e joga lá. Aí você vai ver na internet que tem umas coisas que não são bem assim, só que alguém já traduziu, e isso tem a ver também com a música, com tradução de letra de música.

Quando saiu a tradução do livro, ela postou no Instagram dela. Ela é uma senhorinha, tem praticamente 80 anos e está super bem. Mas não precisei conversar com ela em nenhum momento.

E essa é a primeira obra dela que foi traduzida no Brasil?

Sim, foi a primeira obra. Ela tem outras – não muitas, acho que tem uns três ou quatro livros. Ela não tem muita produção publicada em livro, mas tem muita matéria de jornal. Nunca fizeram uma coletânea das matérias dela, até fiquei curiosa para ler essas primeiras matérias, porque, por exemplo, ela escreveu na *Sounds*, que foi uma das primeiras revistas punk da Inglaterra. É a primeira em que ela escreveu, e ela foi a primeira mulher a escrever nessa revista.

E ela é a primeira a escrever – na Inglaterra, pelo menos – um texto falando assim, "esse texto é sobre uma mulher guitarrista, que eu vi num show". Ela é assim, diz "nossa, eu cheguei na frente do palco e tinha uma pessoa cabeluda, tocando, de repente eu olhei e vi que não era um cara". Eu achei muito curioso, queria ver como é que era o vocabulário que ela usava.

Ela tem um outro livro mais famoso também, sobre o álbum *Exodus*, do Bob Marley. Ela conviveu com ele, foi muito pra Jamaica. Também é DJ. Essa geração dos anos 70, do punk inglês, tem bastante do reggae, você vê isso até no The Clash, muito por conta da imigração. Você tem bairros inteiros de pessoas jamaicanas e do Caribe como um todo. Então para eles foi super normal o punk ter se misturado com o reggae e com outras sonoridades.

Na última edição do *Cândido*, nós publicamos a reportagem da Nayara Almeida, em que você menciona a "experiência punk" do trabalho na Joaquim. Como essa experiência influencia seu trabalho?

Essa "experiência punk" dá para falar de um todo. Eu queria ser jornalista na adolescência. Porque eu queria escrever sobre literatura, música ou cinema. Eu sou de Chapecó, em Santa Catarina. Hoje é uma cidade mais inchada, porque tem a universidade pública, mas não tinha. Entrou só em 2010. É uma cidade bem conservadora.

E aí eu tive essa adolescência de ter amigos e amigas gostando da mesma coisa, numa cidade onde demorava tudo pra chegar, né? Eu queria estar na internet, em um momento em que a gente ainda estava tateando aquilo. Você acessava a internet só no final de semana, ou à noite. Durante o resto do dia, como é que você consumia as coisas que você gostava?

A gente tinha muito isso de trocar revista, de criar o próprio conteúdo, fazer fanzine, que é uma coisa que me acompanhou a vida inteira. Eu comecei a traduzir no começo dos anos 2000, na escola com os meus amigos, fazendo fanzine, traduzindo matéria de jornal, das revistas que chegavam pra gente, e até de blogs. Não existiam, tipo, o *Pitchfork* (site de reviews e notícias do meio musical), essas coisas, então, a gente trazia blogs e sites de música, porque a gente tinha essa ideia de, "ah, vai ter um show em tal lugar, então a gente vai traduzir isso aqui pra levar a fanzine pra esses lugares". Era muito engraçado, porque quando você gosta de música, você quer traduzir. Eu acho que hoje, talvez, a geração mais jovem não entenda, porque tem as letras facilmente.

Acho que a experiência punk começa meio nisso. Você vive num lugar de precariedade. Não estou falando de precariedade econômica, mas de precariedade cultural, das coisas que não chegam. Até hoje, Chapecó tem uma livraria, que é ótima, a Humana, que é uma livraria que eu considero punk, porque ela tem resistência num mar de gente conservadora. Mas é uma livraria em uma cidade de duzentos e poucos mil habitantes, sabe? Na nossa época nem tinha a livraria,



**Você está no sistema,
está fazendo uma coisa
aqui, mas ao mesmo tempo
quando você sai daqui
no final do
expediente,
você faz o que
você acredita**



então a gente tinha que criar a própria cena. A gente precisava unir as pessoas gostando das mesmas coisas.

Eu vim para Curitiba em 2010, quando terminei a graduação, e aí eu precisava trabalhar, e o que eu ia fazer? Eu tinha alguns amigos que conheciam o Marcos Duarte, dono da Joaquim, e ele estava precisando de alguém para ajudar, porque ele queria muito entrar nas redes sociais. Eu falei que a gente podia criar um blog, eu gosto de escrever, traduzir texto de música de sites gringos, poderia contar a história dos discos. Os anos foram passando, e eu aprendi muito sobre música brasileira, aprendi sobre cenas muito específicas, super obscuras da música brasileira.

Nesses 15 anos, eu sempre fiz alguma coisa ali, e quando eu me dei conta do tempo que já tinha passado, a gente já tinha todo um rolê criado ali. Fizemos show, lançamentos, e você não percebe que você está vivendo uma cena mesmo, específica, que você está trabalhando com essas coisas. Acho que a experiência punk é quando você está tão imerso em fazer coisas

O que você acredita. Claro, não vou dizer que você ganha rios de dinheiro. Não ganha, mas ao mesmo tempo é tão legal, porque você insiste tanto numa coisa que a coisa vai se construindo.

Traduzir a Vivien faz pensar como é legal, nos últimos 10 anos ver tanta coisa legal, tantas bandas se formarem. Hoje eu tenho o meu trabalho no mercado editorial, que é o que eu faço a maior parte do tempo, mas ao mesmo tempo você não perde aquilo de ter os seus projetos. Você está no sistema, está fazendo uma coisa aqui, mas ao mesmo tempo quando você sai daqui no final do expediente, você faz o que você acredita.

Como é trazer para o Brasil a história do punk estrangeiro pela perspectiva das mulheres da cena?

Cara, é bem interessante, porque a Vivien dá uma perspectiva muito específica dela, isso é importante ressaltar. Ela traz muitas coisas importantes que se repetem em várias histórias locais de vários países, mas ela também se dá o direito de fazer uma linha do tempo bem específica dela, porque estava dentro da cena inglesa, então viu os ensaios das principais, das primeiras bandas. Ela estava lá no porão da casa da mãe da vocalista das Slits, ela estava lá quando elas estavam aprendendo a tocar três acordes.

Ao mesmo tempo, ela é uma senhorinha de quase 80 anos, que continua recebendo material de bandas de gurias que têm 20 anos, 18 anos. Então é uma coisa muito legal, que ela tem a perspectiva de alguém que estava num lugar onde estavam acontecendo as primeiras coisas dentro daquele país, mas ela tem noção, por exemplo, da importância de uma banda da Indonésia, que fala da política da Indonésia. Ela vai falar da Colômbia, e durante muito tempo, desde a minha adolescência, eu conhecia as bandas daqui do Brasil, a gente recebia muitas fanzines das bandas daqui. É muito legal traçar o que ela faz, olhar e falar "nossa, em 2001, enquanto acontecia isso lá, tinha essas gurias fazendo aqui também", porque ela não tem a obrigação de contar a história de todo mundo, é o projeto dela. Eu acho que a coisa mais legal é você ter uma dimensão histó-

rica que as coisas sempre aconteceram e continuam acontecendo.

Eu traduzi muitos livros de teoria feminista, de crítica feminista, de autoras específicas, e acho que a coisa mais massa que tem de todos esses livros, e posso pegar as coisas da pesquisa acadêmica, do mestrado, do doutorado, é você perceber que não é que agora está se falando mais disso. Sempre se esteve, a questão é que agora que a gente tem mulheres publicando, pessoas dissidentes publicando as histórias que já existiam, que alguém precisava contar.

Eu gostaria que o livro incentivasse que outras microcenas fossem contadas. Tem a Carol Cardoso, aqui em Curitiba, que pesquisa as bandas de Curitiba dos anos 90 até o começo dos anos 2000, e ela tem um projeto de publicar um livro sobre isso. Você tem um livro X que pode incentivar a surgir outros, pra mim isso também é uma vivência punk: se sentir instigado a fazer alguma coisa.

Você mencionou que a Vivien usa uma linguagem cheia de gírias. Isso foi um desafio na hora de traduzir?

Para mim, não foi um desafio, porque eu cresci no meio das cenas, mas tiveram algumas expressões que foram. Por exemplo, ela usa uma expressão que era "*womanfest*", ao invés de "*manifest*", porque em inglês funciona, tipo, manifesto, que é "*man*", manifesto. Eu fiquei quebrando a cabeça, tá, como é que eu vou traduzir, e aí, tipo, do nada veio: "minafesto"! Mas ela faz muitas gírias pra zoar os homens, e ela usa muita gíria de música mesmo, de crítica musical normal, como que a bateria é a cozinha da banda, e pra mim, isso era muito normal porque eu cresci lendo sobre. Foi divertido, na verdade, porque eu tinha que deixar a coisa funcionar com essa linguagem.

O que eu sofri muito foi com as piadas, que são britânicas. Por exemplo, tem uma banda, as Raincoats, que são as "capas de chuva", que é uma coisa muito de lá. Tá, chove muito em Curitiba? Chove. Mas nós não temos o costume de usar capa de chuva. Já tentei, inclusive, mas eu não consigo. Prefiro usar um guarda-chu-

va e chegar em casa encharcada. Na Inglaterra, em Londres especificamente, eles têm muito costume, têm aquelas amarelinhas, têm as azulzinhas, com capuz. A Vivien conta de uma cena em que as Raincoats vão na rádio – acho que na BBC – e o locutor faz uma piada machista, e a vocalista das Slits faz uma piada dizendo que "As Raincoats estão esperando lá fora", e eu não entendi. Pesquisei, umas pessoas me falaram uma coisa, uma amiga que mora na Inglaterra, falou outra... até que chegou no ponto de falar que a gente não tem a cultura da capa de chuva. Eu traduzi o mais próximo possível para parecer que ela estava sendo debochada. Tive que colocar uma nota dizendo que Raincoats é o nome da banda e ela está fazendo uma piada com capa de chuva. Foi péssimo. Você fica muito triste quando traduz e tem que colocar uma nota explicando uma piada. É muito insatisfatório, mas não tinha o que fazer.

No resto, foi bem tranquilo. Dá pra ver no texto que tem umas piadinhas. Ela zoa muito os caras, mas ela faz isso também, no campo semântico, pelo texto mesmo. Ela diz "eu era a única mulher do jornal, mas nem todos os caras eram horríveis comigo na redação... só a maioria". Ela faz isso, no nível do texto, então isso é bem legal também, mas as gírias não foram tão difíceis. <



Um ponto
de beleza
no meio
da assonia



Fausto Fawcett

Sabemos que o precário é notório. Que a história está sendo revirada como nunca. A geopolítica mais instável que nunca. Os abandonos e frustrações proliferando, IBGE revelando desencantos totais de jovens se autoutilizando. Incertezas à espreita, desesperos e esperanças se mordendo, se pegando, se chupando, se alimentando. Desequilíbrios de todas as perspectivas civilizatórias, políticas, tecnológicas, psíquicas. Terras raras, minerais raros, subterrâneos raros, teremos também mentalidades raras? China e EUA aportando na Lua pra inaugurar nova fase energética que mudará a face social do planeta? Demências e pessimismos, sistema financeirista, vertigem capitalista bem tardia e autofágica gerando precariedades a granel. Demências e pessimismos. O que é e o que não é real nesse mundo cheio de outros mundos projetados se superpondo ao dito real? Todos os desejos sendo abduzidos, capturados e todo sentimento, toda intenção de comportamento vira fetiche comercial há muito tempo. Pessimismos e demências, o problema como dizem os mais sarcásticos não é a morte, é o nascimento. Somos jogados aqui sem mais nem menos inventando, fazendo de tudo pra aguentar o tranco e nos reproduzindo pra testar tudo de novo sempre. Voluntariados de todos os tipos e otimismo histórico traduzindo excesso ou desespero de confiança na capacidade humana de superação, engenho, criatividade, comunhão. Muita gente fazendo de tudo, criando soluções tecnológicas, guetos de arranjos sociais pra reduzir os danos gerais. Nos interiores, nas periferias, nos grandes centros, gente sem fronteiras afetivas inventa curativos, paliativos pras feridas sociais, feridas mentais, dando sobrevida a muitos, a muita coisa, a muito tudo. Outros tentam ir além do que somos, sonho antigo e que sempre falha, sempre Sísifo. Mas é vício humano sonhar e se desequilibrar em aventuras desafiadoras. Tecnicamente desafiadoras porque politicamente, socialmente, já era. Complexo de Prometeu, complexo de Frankenstein, complexo de Ícaro, complexo cristão. Todos entranhados na nossa moderna condição de *sapiens* em fim de carreira. Vou dizendo que o precário é notório pra enfatizar que existem contrapontos de detalhe, closes de delicadeza desafiando todo turbilhão que nos encurrala, inspira, pira, sacode, motiva. Inércias, distrações, pequenos gestos, objetos que de repente se transformam em atalhos sensoriais, talismãs para alguma pequena viagem de alienação que é ao mesmo tempo conscientização de tudo já que somos a tal poeira de estrela, carbono, fusões e confusões da evolução e das tormentas cósmicas. De repente somos acordados pela tal pedra que existe no caminho. Haverá sempre um ponto de beleza no meio da agonia não como esperança derradeira mas sim como provocação e confronto com toda a pauleira cotidiana do mundo-cão da sobrevivência, do coliseu de lutas por sucesso, algum sucesso nalgum aspecto da vida. Provocação e confronto com as exigências de se lidar muito bem com as rações afetivas mal servidas, com as exigências de desempenho social, pois você é o produto máximo a ser consumido, consumado por você mesmo.

Ponto de beleza no meio de toda essa agonia é o que não falta. O fio de queijo do misto quente entre as bocas dos namorados adolescentes, um reflexo no anel de bijouteria que cai no chão despencando da mão que acabou de comprar e os olhos do corpo que tem essa mão ficam hipnotizados pelo sol que bate no anel e por segundos um atalho pro êxtase foi revelado entre camelôs berrando. *Close* na delicadeza, no bote que uma brisa dá na sua atenção que é agarrada por um lenço de papel voando com o líquido de rinite saído do nariz recém-operado em procedimento estético e o lenço de papel com seu líquido-rinite voa levado pela brisa e um ah meu deus da mulher dá um tom operístico ao vôo do lenço no meio de tudo. Cômico ponto de leveza desafia a agonia de crimes e corrupções e dúvidas sobre si mesmo que encurralam várias vezes por dia todos os urbanopatas. Todos se sentem loucos varridos nalgum momento do dia já que somos atravessados por varreduras algorítmicas de pesquisas, estatísticas, diagnósticos, tendências e sabe-se lá mais o que nos situando, nos dessituando loucos, loucos varridos. Um ponto de beleza no meio da agonia. *Close* na delicadeza mais estranha. Ferrugem no bueiro sugere um mapa de país subterrâneo, a última lágrima de alguém na UTI refletindo o monitor que também está refletido nas lágrimas do parente, do filho, da esposa, do marido, da mãe, do pai que acompanha a criatura moribunda mas plena no acontecimento. Detalhe de leveza no meio da agonia. Dançarinos fazem *parkour* em ruínas de guerras levando comida, levando mantimentos e ao mesmo tempo dando show corporal no meio da paisagem de destroços que fotografada, registrada com estilo se transforma em belo e mórbido, belo e sinistro monumento da catástrofe humana. Como a bomba atômica. Outros fazem *parkour* de saque do que resta. Inevitável. O sensacionalismo está à espreita em cada esquina, em cada ato, em cada tara, em cada engajamento de rede social, em cada pessoa. A pedra no meio do caminho. Inércia, o inútil, a distração, o Nada se manifestando num intervalo de percepção, num intervalo de responsabilidade de sobrevivência, no intervalo de preocupações afetivas, no vácuo do cotidiano automático.

Sabemos que o precário está generalizado em todas as mentes, em todas as sociedades, em todos os corpos, em todas as religiões, em todas as tecnologias, em todas as ciências, em todos os estudos, em toda a História, em todos os afetos, em toda a Geografia, em todo clima, em toda a Geologia, atmosfera, saberes e conhecimentos, tradições e inovações. Por isso precisamos aproveitar, ficar atentos à riqueza quântica dos detalhes oferecendo atalhos por êxtase no cotidiano. Pontos de beleza, de leveza no meio da agonia, do mundo-cão, do Coliseu de desempenhos, do zoo humano urbanopata. *Close* na delicadeza. Ponto de beleza no meio da agonia. <



Fausto Fawcett transita entre literatura, música e cinema. Publicou mais de oito livros, entre eles, *Santa Clara Poltergeist* (1990), *Básico Instinto* (1992), *Copacabana lua cheia* (2000), *Favelost* (2002), *Pororoca rave* (2015) e *Pesadelo Ambicioso* (2022). Nome expoente do rap rock e da literatura cyberpunk no Brasil. Trabalhou com artistas de diversas áreas como, Fernanda Abreu, grupo Chelpe Ferro, Samuel Rosa, Arnaldo Antunes, Deborah Colker, Luiz Zerbini, Maria Bethânia, Marcelo Dantas, entre outros e outras. Participou da primeira turma de alunos do grupo carioca Asdrúbal Trouxe o Trombone, ao lado de Fernanda Torres, Cazuza e Bebel Gilberto.

Moda do afeto

na glosa do clubinho

Diogo Santiago

Nas minhas mais recentes andanças pelo Brasil, fiz umas descobertas de desatarraxar o umbigo e arriar a bunda. Vi que, nos quatro cantos da pequena burguesia nacional, é moda se afetar.

Descobri por exemplo que, em Recife, *afeto* é um marisco, com o qual se prepara a "afetada", prato tradicional da Semana Santa. Nos batuques de Salvador, *afeto* é o mais agudo dos tambores de desfile. No jargão dos urbanistas e dos engenheiros civis de São Paulo, "faixa do *afeto*" é uma alcunha carinhosa dada à via de circulação mais à direita da Marginal Tietê. Em Brasília, após cada plenária pacífica, os deputados assinam o famoso "caderno dos *afetos*". Em Belém, os eflúvios de umidade que precedem e sucedem a chuva do meio-dia são popularmente chamados de *pré-afeto* e *pós-afeto*.

Nenhum renascentista do século dezesseis, nenhum cartesiano do dezessete, nenhum iluminista do dezoito, nenhum romântico do dezenove, e nem mesmo um só cubista do século vinte viu tantas *caretas de afeto* quanto as que podem ser fotografadas hoje no Rio de Janeiro por qualquer cachorrinho de estimação.

Pois do furacão da convivência de classe, o olho é o coração.

Pausa para uma maldição romântica. "O artista reprende em primeiro lugar a crítica por ela não poder ensinar nada ao burguês", afirma Baudelaire. "E no entanto, acrescenta ele, tantos artistas hoje em dia devem somente a ela sua pobre fama! Talvez esteja aí a verdadeira repreensão a lhe fazer." Seja o que for, eu "acho sinceramente que a melhor crítica é a que é divertida e poética; não essa, fria e algébrica, que, sob pretexto de tudo explicar, não tem nem ódio nem amor, e se despoja voluntariamente de toda espécie de temperamento [...]".¹

1. Cf. Charles Baudelaire, "Para que a crítica", trad. Diogo Santiago, *Madame Psicose*, 2 de fevereiro de 2026. Disponível na internet.

➤ **Água-forte de
Charles Baudelaire
(1821 – 1867) por
Edouard Manet**



Imagem: Baudelaire de Profil en Chapeau (Edouard Manet, 1862)

Por outro lado, Bourdieu afirma que, com Baudelaire "presenciamos um problema de antropologia histórica tão difícil como aqueles que causam para o historiador ou para o etnólogo a decifragem de uma sociedade desconhecida; mas, pelo fato da falsa familiaridade que nos fornece um longo convívio acadêmico, nós não o sabemos".²

Tudo isso para introduzir que, na glosa da Literatura no Brasil, a palavra "afeto" é tão simples como Amélia: nunca vi fazer tão pouca exigência. Ai, ui. Perdão. Sagrados sejam os privilégios herdados de uma casta. Deus preserve os brilhantes membros desse clubinho de uma pane elétrica que os obrigue a cortar o vocábulo "afeto" das sinapses e do léxico.

2. Pierre Bourdieu [1997], *Méditations pascaliennes* ["Comment lire un auteur?"], Paris, Seuil, 2003, p. 122.



Só sobraria o filamento.

Com ou sem isso, basta dizer que, sem afeto e sem amizade, não há escritor que venda mais de dez livros no seu evento de lançamento.

*

Animal, vegetal, mineral, fúngica, bacteriana, viral: qualquer comunidade complexa tem um modo peculiar de encarar o mundo e de fazer as coisas. Seja de se vestir, de se comportar, de falar, de escrever, ou simplesmente de viver: onde há maneira, há moda; e o campo literário (cuja existência ainda não é óbvia para todos os seus membros) não escapa à constante.

— Como vão os mixomicetos?, indaga o líquen.

E como vai a moda nesse mundo de escritorezinhos apaixonados por transgressão e de medíocres servidores do culto acadêmico ao anti-academismo? Questão valiosa, porém colossal. Antes que a partir dela chegássemos em resultados satisfatórios, a moda já teria mudado.

Que os membros do clubinho literário nacional se sintam legítimos para falar de Literatura por serem autores, editores, tradutores, revisores, jornalistas, livreiros, blogueiros ou leitores, pouco importa. Pouco importa igualmente que o sentimento de legitimidade venha por intermédio de diploma, ou de quaisquer condecorações. Se incluíssemos na avaliação todos os níveis de legitimação, esse clubinho permaneceria seleto, e não equivaleria nem sequer a um milésimo da população adulta e ativa do país.

Por que cargas d'água nosso clubinho fala tanto de "afeto"? De onde vem essa moda? Desde quando já dura? A que aspiram essas línguas quando punem o ar literário com o bovino açoite do "afeto"? Será que, em algum momento, os ventríloquos enxergam aí "uma mudança se produzindo em um ser em razão de uma causa (interna ou externa)³ que o interpela"; ou será que se referem unicamente a um "sentimento de carinho, de ternura por algo ou alguém"?

*

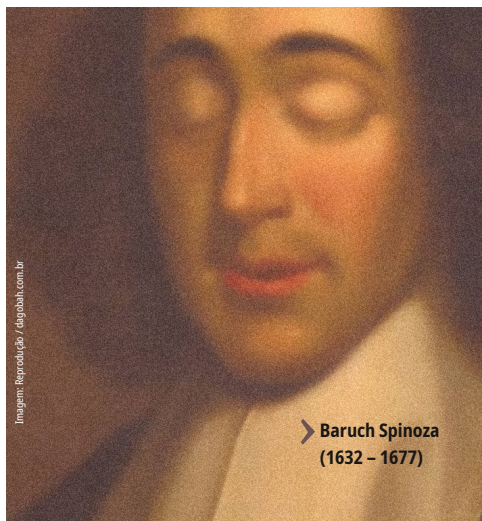


Imagem: Reprodução / digrobah.com.br

➤ **Baruch Spinoza**
(1632 – 1677)

3. Definição de afecção (*affectio*) dada por Spinoza.

Ainda que o sociólogo e o linguista se matem para devolver ao evidente um naco da complicação perdida, colam-se aos microfones da fama certas fórmulas fáceis que enternecem até um fascista. Pela graça de São Smartphone, os apóstolos do capital converteram o cotidiano em uma eterna *Black Friday* de contrassensos: há para todos as bolsas, e alguns até flertam com a unanimidade.

Por outro lado, o argumento da utilidade basta para justificar uma ou outra repetição desse ou daquele chavão da sabedoria das nações. *Nada de novo sob o sol*, eis uma lei para quem se sente mais apto a matar que a refletir. Pois desde os primórdios do verbo, os asnos se coçam entre si. E enquanto uma parte do mundo explode a outra, o plebeu se apraz como pode. O único movimento inalienável ao alienado, aliás, é o movimento.

Na solidão de um ego inchado, por outro lado, o estudioso maltrapilho fareja mananciais de alegria, e inventa fontes d'água clara para jogar moedas novas. Erige usinas, edifica teatros. Tudo dentro do quarto, evitando metade das misérias do mundo.

Preterição, cinismo e digressão: três luxos coloridos dessa orquestra de câmara.

*

Uma imponente tentação está sempre de tocaia nas alamedas arborizadas que ligam minhas usinas aos meus teatros. Essa tentação é a lexicografia, contra a qual travo luta ferrenha. Perfumada como uma violeta invernal, cheia de charme, babada de mimo, ela me ronda e galanteia; insiste, insiste, insiste tanto que, volta e meia, cega-me o gládio, racha-me o escudo, e me derruba o capacete.

Que aprendo sobre "afeto" quando consulto o dicionário de língua portuguesa⁴ que uso por hábito? Em primeiro lugar, confirmo que se trata de um "sentimento de carinho, de ternura por algo ou alguém". Logo em seguida, vejo que pode ser também "o objeto

4. *Aulete*. Disponível na internet.

desse sentimento" (por exemplo: Fulano não tem filhos, seu Lulu da Pomerânia é seu afeto). Depois, descobro que, na psicologia da padaria, baratinha, popular, o vocábulo afeto designa todo "sentimento de caráter emotivo, como o amor, o ódio, a raiva", coisa e tal. Outra pérola que podem dizer sobre *afeto* os brilhantes psicólogos iletrados que pelo bem da classe patronal colonizam e infectam a cachola oprimida é: "um dos três tipos de função mental, junto com a cognição e a volição". Uau, muito lindo, fico todo arrepiado. Que mais? Por fim, dou-me conta que o pai dos burros transmite uma advertência dada por certa psicologia: afeto é um "estado emocional relacionado à realização de uma pulsão".

Já me sinto mais sabido. E de rir quase me mijo.

Convenhamos que, com ou sem GPS, o mundo não sossega um só segundo; não dorme, nem sequer bate as pálpebras; e não deixa as tentações em paz, mundo safado. Basta um minuto de *scroll* e o coco cai na cabeça. Por todos os bancos de uma fossa literária mais brasileira que autônoma, vejo tentáculos se agitando como se fossem cefalópodes.

Com açúcar e com afeto, fiz seu doce predileto, pra você parar em casa. Em termos de capital simbólico, sabe-se perfeitamente que o que vale é não a mensagem, mas o mensageiro. Como resistir ao charme dos Buarque, por exemplo? Verdadeira Hidra. Até pelo bafô, esse *afeto* penetra.

*

Que pode fazer a pluma senão balbuciar o mundo no limite? Limite do mundo, limite do balbucio: reunião geralmente grande demais. Mundo cujas afecções empurram a complexão escrevente rumo ao comunicável exclusivamente pela arte. Oprimido por um campo sem autonomia, o escrevente deblatera, agoniza, periclita.

Quando nos cremos "escritores", nossas angústias ficam mais pesadas que qualquer genocídio. Essa certeza que temos da nossa inteligência especial nos amolece. Como se não bastasse sermos os únicos artistas que não se sentem obrigados a imitar os predecessores.

res, a *moda* nos convenceu também do caráter facultativo da própria leitura. Em 2026, cremos que, para escrever, não precisamos saber ler. Pior: ler prejudicaria nossa "inspiração". À maneira de um grupo de físicos que desconhecem a teoria da relatividade, agitados a língua e a caneta com questões manjadas, mil vezes problematizadas, como se saíssem de um ovo.

Em outros termos, tudo se passa no clubinho literário tupiniquim como se a empoeirada inspiração pré-romantismo permanecesse intacta. Pegue um buquê de tripas, uma garrafa de Chardonnay, meia dúzia de aulas de escrita criativa, junte tudo, coloque no cadinho, agite durante uns meses, e *voilà*: escritor saindo da gráfica. Diga-se de passagem que a operação republicana no Brasil é tão maravilhosa que não raro se encontram por aí aposentados da rede de ensino público que, ao se tornarem escritores, revelam-se semiletrados.

*

Um dos medos mais cabulosos de um grandiloquente abestalhado é o do linchamento social. Foi o que senti quando tentei explicar a certos parentes por que a classe trabalhadora da qual fazemos parte não sabe que a função da escola é legitimar a ordem. Os parentes primeiro riram, depois ficaram aterrorizados. Trata-se de uma tática de sobrevivência: ou creem que merecem o que possuem ou morrem.

No que tange aos indivíduos do campo literário brasileiro que me obrigam a gastar minha lexicografia, digo: ou creem que escrevem por inspiração, ou não conseguem crer-se escritores.

Para eles, é fulgurância ou nada. Coisa quase sagrada. Se o escrevente acha que escreve bem e merece ser publicado é não porque algo no mundo o assombra, não porque ele estudou e estuda, não porque imitou e imita escritores exemplares, mas porque arde algo muito especial entre o seu cérebro, o seu coração, as suas cutículas pediculares e o seu Lulu da Pomerânia. O calor é grande, muito estético, e quer sair de qualquer jeito. O inspirado precisa expressar-se, exprimir-se, espremer-se.

Que culpa tem ele se, quando se espreme, o que mais sai é *afeto*?

*

Mais cobiçado que a "feira literária" e mais libidinoso que a "lindeza": o substantivo "afeto" é, no Brasil, o indestronável rei da litania de propagandas que assola o espírito de clã dos glosadores da Literatura.

Francamente. Uma fanfarra de antas transpira mais capital cultural que a casta de calvos e barrigudos que financia esse canil. Êxito para essa raça é a capa da *Forbes*, imagina? Dir-se-ia que a primeira regra para brilhar no clube dos branquelos encantados é mesmo a necessidade. Aí, claro, não se pode exigir que eles conheçam a tradição quase milenar que gira em torno de "afeto", seu latido predileto.

*

Ora, vamos, diplomados literatos, branquinhos, nem disso vocês lembram? Ou será que não sabem mesmo que a tese universitária de Deleuze foi sobre Spinoza?

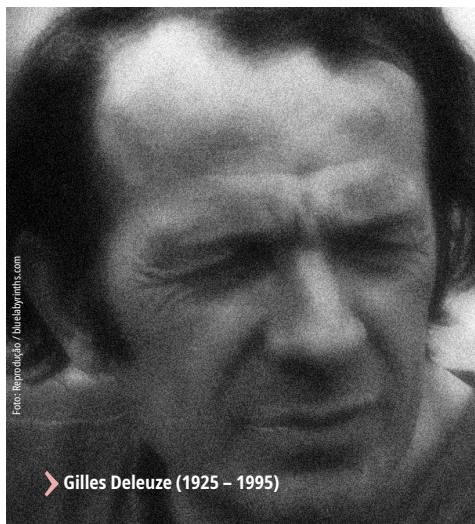


Foto: Reprodução / blueabyriths.com

➤ Gilles Deleuze (1925 – 1995)

Mais que isso, o filósofo francês carregava o holandês no coração. Antes que chegasse no Brasil em forma de mania, o autor de *Mil platôs* já tinha integrado o "afeto" à sua própria filosofia. Quando se deparou com essa ocasião dourada, o emotivo universitário tupiniquim se encantou. Bastaria um levantamento quantitativo das dissertações e teses produzidas desde o fim da ditadura militar nas faculdades de Letras, de Filosofia e de Ciências Sociais para que nos déssemos conta do tsunami de *afeto* que a erupção Deleuze provocou nas faculdades mentais do *Doctus brasilianus*.

No seio dessa fiel coorte, tudo leva a crer que "afeto" é um feitiço do coração; um vapor genuinamente sentimental, que emana das vísceras junto com o talento e a liberdade.

Como posso ilustrar?

ISSN 2966-0262
Vol. 4/ N 26/ Dezembro de 2025

O Odisseu



Imagem: Reprodução / oodisseu.com.br

A rua é um chamado!
O espaço urbano entre contradições e maravilhas.

Esse microespaço onde a vida luta e comemora - Tiago D. Oliveira escreve sobre "Ladeira da Preguiça", de Evanilton Gonçalves + **Fotos de Davi Boaventura.**

Miró quase pronto e vestido de afetos - Cristiano Ramos escreve sobre "Estou quase pronto", biografia de Miró da Muribeca de Wellington de Melo.

O voo do Daemon sobre a cidade de "Paranoia" - Antonio Atruda nos leva a um passeio por São Paulo na companhia de Roberto Piva.

O olhar do Albatroz - Edição é atravessada por fotografia de rua de Guilherme Boldrin.



► Capa da edição de dezembro de 2025 da revista *O Odisseu*

Na edição de dezembro de 2025 de *O Odisseu* (revistinha literária camaçariense – bimensal e sem linha editorial), o jornalista recifense Cristiano Ramos publica uma resenha suplementar de *Estou quase pronto*, biografia do poeta recifense Miró da Muribeca, de autoria do escritor recifense Wellington de Melo, publicada em 2025 pela Cepe, editora recifense.

A doce pernambucanidade de certos comentadores do mercado editorial recifense leva a crer que, de Machu Picchu a Vladivostok, o mundo inteiro conhece Miró da Muribeca. Ora, uma dentada de honestidade basta para que sintamos que esse açúcar é só orgulho.

Quem foi portanto esse que é apresentado pela Cepe como "um dos principais poetas brasileiros"?

★



João Flávio Cordeiro da Silva nasce em 1960, em Jaboatão dos Guararapes, maior município da região metropolitana do Recife. Seu bairro de infância e adolescência é a Muribeca, subúrbio não muito distante da prestigiosa Zona Sul da capital pernambucana.

Antes do campo da língua e da caneta, o rebento da Muribeca joga no da bola e da chuteira. Mostra-se tão hábil que os colegas de pelada o comparam a um craque profissional (o atacante Mirobaldo, que na época veste a camisa do Santa Cruz Futebol Clube). O apelido Miró vem portanto não da atividade literária mas da esportiva.

▶ **José Mirobaldo Bastos Correia, atacante do Santa Cruz Futebol Clube de 1969 a 1971**



Foto: Reprodução / www.arquivoconai.com.br | Edição: Cândido

É porém muito cedo que esse prodígio da ginga troca a camisa de nylon do peladeiro pela toga de cânhamo do poeta.

Em 1985, no auge dos seus vinte e cinco anos de idade, Miró publica, por conta própria, *Quem descobriu o azul anil?*, sua primeira coletânea de poemas. Daí em diante, pernas pra que te quero! No bom estilo baudelaireano, ele vai prefaciando seu lirismo marginal e suas diversas obras com fortes doses de álcool; em paralelo, o seu espalhafatoso caráter vai apostrofando o centro etílico da Veneza Brasileira. De bar em bar, o seu verso se imprime. Nada disso se faz do dia para a noite, evidentemente; pois, segundo a tradição, em Recife há mais poeta que poste de iluminação pública – e esses boêmios que, sem parar de falar, bebem até o arriar da porta, nem todo mundo tolera. Durante década-

das, portanto, Miró figura para os donos de bar da cidade como só mais um poeta que de vez em quando bebe até cair, de vez em quando some para não pagar a conta. Mas a coisa evolui. Até o ponto de nos obrigar a admitir que, no primeiro quarto do século vinte e um, não há um boteco do bairro da Boa Vista que não tenha adotado o estilo, o metro e a rima de Miró: pelas artérias etílicas do Centro, a poesia recifense entrará mesmo na sua fase miroiana.

As relações entre as condenações sociais que Miró sofreu por ser "preto, pobre e periférico"⁵ e o ostracismo são mais complexas que qualquer opinião: na longa biografia que fez dele, Wellington de Melo fornece (querendo ou não) elementos que nos permitiriam compreendê-las sem cair em estereótipos. Ainda que não conheçamos de suficientemente perto as tribulações do poeta morto mais idolatrado da atualidade recifense, parece-nos impossível admitir, entretanto, que se justifique unicamente pela sua autonomia o fato de ter vindo ao mundo de forma independente a maioria das suas obras. Assim como o álcool, a poesia em Miró era um negócio de todos os dias. Porém – e não obstante a notoriedade adquirida nas ruas, nas praças e nos mercados públicos de Recife e arrabaldes –, o prodígio da Muribeca ficou fora do circuito oficial da publicação nacional durante a maior parte da sua carreira. Que ele não tenha entrado nessa panelinha porque quis ou porque lhe fecharam a tampa na cara, isso é *outra história*. Notemos simplesmente que saem menos notas de imprensa sobre ele durante seus trinta e sete anos de carreira que entre 31 de julho de 2022, data do seu falecimento, e o momento da redação deste ensaio.

5. Ver artigo de Victor Augusto intitulado "Cinco décadas pelos olhos e boca de Miró da Muribeca", revista *O Grito*, 1º de julho de 2019. Disponível na internet.

► Capa da biografia
de Miró por
Wellington de
Melo



Aliás, é logo após o óbito, em nota publicada entre meio dia e uma da tarde no site da *Globo (G1 Pernambuco)*⁶, que a Cepe decreta: "um dos poetas brasileiros mais importantes da atualidade". E em 12 de março de 2024, em plena comemoração do aniversário do Recife, é inaugurada, no centro da cidade, uma estátua que figura um Miró exuberante: com o rosto inundado de sorriso e um livro aberto na mão esquerda, ele declama de braços erguidos.

Ironia do destino ou determinismo burguês? Cada um que retire suas próprias conclusões das lombadas de temporalidade entre o Miró ostracizado, o Miró reconhecido, e o Miró consagrado ("atração turística", segundo o Google).

6. "Morre aos 61 anos, no Recife, o poeta Miró da Muribeca. Comunicado foi postado nas redes sociais do artista. Velório acontece na Capela do Cemitério de Santo Amaro. Sepultamento está marcado para segunda-feira, 1º de agosto, às 11h." Disponível em url.me/PNZugb (consultado em 9 de janeiro de 2026).

Voltando ao assunto, chamo atenção para quatro trechos do textinho sobre a biografia de Miró em que o jornalista Cristiano Ramos mobiliza o campo lexical que nos interessa.

Ramos afirma em primeiro lugar que "Wellington [o biógrafo] não só esteve presente em grande e sensível parte da vida do poeta [o biografado], como também optou por não passar despercebido ou negligenciar **afeto** às cerca de quatrocentas páginas (resultado nada imparcial de pelo menos cinco anos de trabalho)". Nada imparcial, tudo bem. De cara, porém, a familiaridade que sobressai ao emprego do nome (Wellington) em vez do sobrenome (de Melo) indica uma convivência que vai de par com aquela famosa intenção de elogiar que destrói a crítica literária. Confesso por outro lado não possuir recursos gramaticais para entender o que significa optar "por não passar despercebido às páginas" de um livro. Ainda assim, por benevolência retórica, ousou indagar-me acerca dos critérios utilizados por Wellington de Melo que o levaram a estabelecer: *não vou "negligenciar afeto" na minha escrita*.

Seja o que for, Ramos escreve adiante: "fica óbvio para quem embarca nessa jornada que os **afetos** e condições envolvidos levaram a caminhos inconciliáveis com outras demandas muito comuns". Fica óbvio, sim. Com esse fraseado transparente, tudo fica óbvio.

Em seguida, Ramos previne o eventual leitor de *Estou quase pronto*: "será bem mais simples o percurso de quem se debruçar mais verticalmente sobre correlações entre momentos, lugares, **afetos** de Miró e a construção de sua poética". Entendido, senhor Ramos. Debruçar-se mais verticalmente sobre correlações! Bem mais simples, claro.

E no clímax do enredo, o resenhista veste a camisa do literato: "Acontece que o botão não podia mesmo se demorar além da conta em estações específicas. Não era só questão de ritmo ou de **afeto**. Dentro dele havia um Miró que pedia para ser compartilhado tanto com rigor quanto com urgência, paixão, vida."

Daqui, vejo Miró num ônibus lotado, bafo de cana daqueles, olhos marejados de inspiração, pedindo: *compartilha aí, minha máquina! Mas compartilha "com vida", visse.*

➤ **Estátua em homenagem a Miró da Muribeca, assinada pelo artista Demétrio Albuquerque, inaugurada na Av. Rio Branco no Bairro do Recife em 12 de março de 2024**



Não se pede, claro, que um crítico literário brasileiro contemporâneo formado em Recife domine a parte do campo lexical de Spinoza que contaminou a filosofia de Deleuze – ainda que essa filosofia tenha influenciado os mestres que o pariram. Mas, a que definição do dicionário corresponde exatamente cada ocorrência do vocábulo "afeto" no texto de Ramos, por favor?

Antes de tentar qualquer resposta, noto que, diferente da "emoção", o "afeto" é unidimensional na língua do clubinho literário nacional. Nos ditos e escritos da casta dos herdeiros (e daqueles que os imitam), esse velho vocábulo remete unicamente a ideias e movimentos positivos, presentes tanto naquele que fala quanto naquele de quem se fala.

Incapaz de designar algo de nefasto, a palavra "afeto" funciona portanto nessas equações do primeiro grau como a "causa adequada" de qualquer elogio.

Seja o que for, e retomando o frigorificado Bourdieu, noto que o "escritorzinho" da burguesia e o "servidor [pequeno burguês] do culto acadêmico ao anti-academismo" continuam apaixonados por transgressões *single barrel* tipo Miró. Assim como no caso Baudelaire, a paixão burguesa não esperou nem três anos após a morte do marginal para fazer dele um clássico, para jogá-lo para "bem longe [...] dos debates e dos combates do presente". O corpo de Miró ainda não se decompôs totalmente, mas parece que ele viveu há um século.

Essa corrida frenética para ver quem vai fazer a melhor homenagem enterra cada vez mais profundamente no passado a contemporaneidade latejante do poeta da Muribeca. Livre para escrever suas frases obscuras sobre o finado, a burguesia o relega ao "limbo", e garante o próprio lucro. Para bancar o burguês (PBOB), certos empregados fazem a mesma coisa. E o fazem ao mesmo tempo que tentam descrever Miró como contemporâneo "e como o mais próximo dos nossos próximos; tão contemporâneo e tão próximo que não duvidamos um só instante da compreensão aparentemente imediata – na realidade mediatizada por nossa formação – que cremos ter das suas obras" (Bourdieu).

*L'habit fait le moine.*⁷ Convoco nesse sentido o longa metragem *O discreto charme da burguesia* (1972), de Luis Buñuel. No início da trama, Monsenhor Dufour, bispo da diocese, passando defronte o casarão da família Sénéchal, nota que o jardim está abandonado, e pergunta a Inès, a empregada, se ele pode jardiná-lo. Confusa, Inès autoriza. Chegando em casa pouco tempo depois disso, Alice Sénéchal, a patroa, dá de cara com esse desconhecido em trajes de serviçal e o expulsa imediatamente, alegando não precisar de jardineiro. Algumas cenas adiante o mesmo homem volta de batina e Alice, atordoada, rogando perdão, beija

7. "A batina faz o padre." No adágio francês, ao contrário, *l'habit ne fait pas le moine* (a batina não faz o padre).

sua mão. Não espanta, em suma, que o diplomado Ramos tenha usado *Miró quase pronto e vestido de afetos* (2025) para intitular a resenha que fez de *Estou quase pronto* (2025), biografia que o seu diplomado amigo de Melo fez do seu marginal amigo da Muribeca.

Pois para justificar o lucro que dá aos patrões da edição, essa paixão tipo-burguês pela transgressão tem que vir "vestida" de algo tão positivo como impenetrável. <





Diogo Santiago nasceu em Recife (PE). Formado em Educação, Letras e Literatura (Université Lumière Lyon 2), é tradutor, romancista, ensaísta e crítico literário. Em 2018, publicou na França *Asinus Asinum Fricat*, pequena seleção bilíngue de textos satíricos. No Brasil, lançou quatro livros: *O Polvo*, *Cinco fatias de uma dor urbana*, *Concatenação* (prosa) e *Figuranistas* (verso). *Rumores*, sua nova coletânea de narrativas, sairá em breve pela editora Urutau.

In cên dio

Melissa Sayuri

O sol nasce duas vezes no meu mundo.

A primeira vez é um acontecimento alheio. Ergue-se no horizonte com a soberba glacial dos fenômenos que prescindem de testemunhas. Sua luz desce sobre a cidade como um véu pesado de ouro velho, iluminando com igual desdém os telhados de zinco, as praças vazias, os corpos que se entregam a mais um dia por puro hábito. É uma claridade que não convida, apenas informa: o dia chegou. Observo-a com a resignação de quem aceita um fato administrativo do cosmos, sem cerimônia e sem júbilo, sabendo que sua fúria dourada é, no fundo, indiferença pura.

A segunda aurora é um evento visceral. Não anuncia-se no leste, mas nas profundezas do corpo. É um sol privado, meu e clandestino, que nasce quando você se inclina sobre mim, quando sua sombra se funde com a minha na parede, quando o ar entre nós se torna espesso como mel. Essa luz não tem hora nem estação, tampouco ilumina. E o que ela toca é incinerado, jamais retornando à sua forma anterior.

Sempre vivi em negociação delicada com a luz excessiva. Nutri-me de penumbra, da elegância discreta das coisas que não se exibem. A melancolia era minha paisagem interior, uma geografia de colinas suaves e vales profundos onde as emoções se moviam com a lentidão cerimoniosa de um rio subterrâneo. Era um reino de tons terrosos, de silêncios eloquentes, de uma beleza que não pedia licença para existir. Um museu de afetos potencializados. O amor, nesse ecossistema, parecia um fenômeno vulcânico — belo à distância, catatráfico de perto.

Tornei-me arquiteta de interiores sombrios. Organizei minhas paixões em estantes altas, cataloguei meus afetos como espécimes raros em frascos de vidro. Meu coração aprendera a bater com a regularidade de um mecanismo preciso, cada pulsação medida, cada emoção filtrada através de camadas de prudência. E você chegou como a maré, lenta, insistente, remodelando o litoral da minha alma sem alarde.

Sua presença foi uma alteração gradual na pressão atmosférica. Meus dias, antes compostos com a precisão de uma partitura, começaram a apresentar dissonâncias sutis. Um acorde prolongado de distração no

meio do trabalho. Uma pausa involuntária ao lembrar o timbre da sua voz. Um aquecimento estranho no peito ao ver sua silhueta contra a luz da janela. Eu mantinha a fachada intacta, mas nos aposentos privados da alma, móveis pesados eram arrastados, portas há muito fechadas rangiam em suas dobradiças.

Quando você disse que me amar era fácil, o mundo desfez-se em átomos e reorganizou-se sob novas leis. Toda a arquitetura emocional que construía — alicerces de cautela, vigas de autoproteção, telhados de resistência — revelou-se um castelo de cartas diante do sopro suave da sua verdade. Eu, que me imaginava uma obra complexa exigindo tradução especializada, descobri-me legível à primeira vista. Eu, que acreditava que meu amor era um labirinto que exigia dedicação heróica para ser percorrido, vi-me simplesmente... alcançada.

Agora existo na tensão gloriosa entre esses dois sóis. O primeiro continua seu curso impessoal, dourando as fachadas do mundo com indiferença magnífica. O segundo, porém, esse sol incógnito nascido do seu olhar, persiste em sua revolução particular. A ardência de ser amada com facilidade é mais violenta que a dor de ser amada com esforço. Senti-me desnordeada, exposta em minha simplicidade fundamental, que eu sempre recusei a enxergar. Era uma beleza que doía, uma claridade que cegava.

E eu, que temia tanto a claridade, descobro-me faminta dela. A melancolia não partiu, apenas fez espaço. Agora ela compartilha meu interior com essa nova radiação, e juntas criam um crepúsculo perpétuo no peito, onde a saudade do que fui dança lentamente com o desejo do que estou me tornando. O segundo, discreto e ardente, queima as velhas tapeçarias da minha alma, revelando sob elas um chão de uma crueza gloriosa e aterradora. Seu amor fácil me condenou à liberdade. E eu, que temia o fogo, descobro-me agora fênix, aprendendo a voar entre as cinzas de quem eu pensei que era, em direção a uma luz que não escolhi, mas que, afinal, me escolheu.

E no centro do peito, onde antes havia apenas o frio conforto da madrugada, agora há um segundo sol, nascendo e morrendo a cada instante que você existe. É uma agonia. É um êxtase. É, finalmente, viver. <



Melissa Sayuri é jornalista, graduada pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), e mestranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

para
salvar
o costureiro
cuitelão

Maria Cardoso

I.

Passarinho pedreiro-do-espinhaço,
construindo a montanha
mineral por mineral
coreografado pelo João-de-Barro

II.

Entrevendo o futuro em uma bola de quartzo:
beija flor portando a gravata-verde
é tempo de forragear uma flor
às vespas,
leiloar a prece.

III.

Para subir a montanha com rigor
e nunca chegar ao topo.

IV.

Coletar a cãibra,
subir de novo.

V.

Cá estão seus olhos, aglutinação de mão minério.
uropídeo de lágrimas e papel. de presente te dou
o pequeno mistério do maxalalagá.

VI.

Torna-te neblina, impermeabiliza a pena minha. <



Maria Emanuelle Cardoso nasceu em Montes Claros (MG) em 15 de novembro de 2000. É bióloga e doutoranda em Biodiversidade e Uso dos Recursos Naturais (PPGBURN) pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Atua como ativista socioambiental e educadora popular. Desenvolve pesquisas no campo da Etnoecologia, notadamente a adaptação socioecológica diante da incerteza ambiental em territórios tradicionais. Possui textos publicados em mais de 60 antologias e revistas em português, inglês e espanhol. É autora de *Amarelo Mostarda* (Editora Nauta, 2024), semifinalista do Prêmio Loba 2025.

Olhares e vozes do cárcere:

A fotografia como
instrumento
de pesquisa
e inclusão
visual

Izabel Liviski

O trabalho versa sobre a fotografia e suas convergências com outras áreas de conhecimento como a Sociologia, a Educação e a Etnografia etc., revelando como ela pode ser utilizada como linguagem eficiente a ponto de permitir uma 'leitura' de identidades e de intersubjetividades. No caso da pesquisa desenvolvida, se debruçou sobre o estudo de pessoas em situação de privação de liberdade, ou seja, no cárcere.

Foi realizada também uma oficina de Fotografia para um grupo de dez detentas do Presídio Central Estadual Feminino (PCEF), em Piraquara, no Paraná, durante seis meses, em 2015, utilizando a metodologia de "inclusão visual". O protagonismo na criação e autoria das imagens ficou ao encargo dos sujeitos da pesquisa, as presidiárias, e não do "fotógrafo-pesquisador", que via de regra é o que ocorre em trabalhos desta natureza.

Ao expressarem sua vivência no presídio, suas emoções e pensamentos, assim como seus sonhos através da fotografia, as detentas criaram portfólios visualmente ricos mesmo dentro de sua condição limitada (e limitante). O **Cândido** publica aqui uma parte deste acervo.

Izabel Cristina Liviski (Bel Liviski) nasceu em Curitiba (PR), é professora e fotógrafa. Iniciou sua carreira no jornal *Gazeta do Povo*, sendo a primeira mulher a ser admitida como fotojornalista no veículo.

Possui Mestrado e Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), onde desenvolveu temas na área de Imagem e Conhecimento, e de Estudos da Violência, Presídios e Políticas Públicas. Seu trabalho de campo para sua tese de doutorado gerou a exposição fotográfica "Olhares e Vozes do Cárcere", premiada como melhor curadoria em 2019, pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS).

Atualmente é editora do *TAK! Agenda Cultural Polônia Brasil*, além de coeditora e articulista permanente da revista *ContemporArtes* (Universidade Federal do ABC - São Paulo). ◀



› Detalhes do meu cotidiano



› Luz e sombra

› O poder
de deus na
natureza





➤ Onde os
sonhos se
perdem



➤ O balanço dos cabelos sob as lentes



➤ Olhos são janelas da alma



➤ O que não se vê por trás das grades



➤ Se tenho boca é para gritar



➤ Vivian Maier, uma releitura

EXPEDIENTE

Governador do Estado do Paraná

Carlos Massa Ratinho Junior

Secretária da Cultura do Estado do Paraná

Luciana Casagrande Pereira Ferreira

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná

Luiz Felipe Leprevost

Editora

Marianna Camargo

Redação, pesquisa e produção

Felipe Azambuja

Isa Honório

Leticia Lopes de Souza

Maria Beatriz Peres

Estagiária

Naomi Mateus

Colaboradores desta edição

Diogo Santiago

Fausto Fawcett

Izabel Liviski

Maria Cardoso

Melissa Sayuri

Capa

Bruna Rossato

Design Gráfico

Rita Solieri

Diagramação

Iuri De Sá



Cândido

jornalcandido@gmail.com

bpp.pr.gov.br/Candido

[instagram.com/candidobpp](https://www.instagram.com/candidobpp)

[facebook.com/jornalcandido](https://www.facebook.com/jornalcandido)



BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ



PARANÁ 
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CULTURA